

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

EDEN APARECIDA NICOLAU

**A MÚTUA IMPLICAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NO PENSAMENTO DE SANTO
AGOSTINHO**

Goiânia
2023

EDEN APARECIDA NICOLAU

A MÚTUA IMPLICAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NO PENSAMENTO DE SANTO
AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de
Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia de
Goiás, como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Dr. José Reinaldo F. Martins Filho

Goiânia
2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

DEDICATÓRIA

Se chegou a oportunidade de concluir meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi porque, um dia, Deus escolheu Antônia Pereira Nicolau e Jorge Nicolau (ambos *in memoriam*) para me trazerem a esse mundo. Dedico a vocês, mamãe e papai, esse meu trabalho, que tanto significa para mim. Dedico também, de forma carinhosa, ao Dr. Luciano Marques Hirata, que, durante alguns anos, vem cuidando da minha saúde em vários âmbitos e sendo também minha inspiração. Gratidão, Luciano.

Na I Carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 13, diz-se que, “ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como sino que ressoa ou como prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de toda profecia e saiba todos os mistérios e todo conhecimento, e tenha fé a ponto de transpor montanhas e não tiver amor, nada serei”. E esse amor, que vem de Deus, fez com que um dia Pe. Elismar Alves dos Santos tivesse a sensibilidade de perceber a minha necessidade naquele momento de ingressar na vida acadêmica. A ele meus agradecimentos, pois esse ato de amor fraterno salvou-me no momento mais difícil da minha vida. Então, só posso agradecê-lo profundamente e desejar que senhor continue sendo luz na vida das pessoas, assim como foi e é na minha vida, Deus lhe abençoe.

E meu muito obrigada à minha banca, a Profa. Ma. Ana Kelly Ferreira Souto, ao Prof. Dr. José Reinaldo F. Martins Filho e ao Prof. Me. Marcelo Gabriel Freitas Veloso, que não mediram esforços para que eu pudesse chegar à conclusão desse projeto, meu muito obrigada.

À memória e à presença dessas pessoas, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A obra *Confissões*, de Agostinho, é uma forma de agradecer a Deus a existência de pessoas que o ajudaram em sua caminhada de vida, às quais Agostinho desenvolveu como gratidão. Inspirando-me em Agostinho, em tantos aspectos, tento fazer o mesmo.

Hoje, ao término desse trabalho acadêmico, não poderia deixar de agradecer aqueles que seguraram a minha mão durante toda essa caminhada, pessoas sem as quais não teria chegado à conclusão dessa jornada.

Colegas de Faculdade, dos quais muitos se tornaram amigos com convivência que não se encerra nessa travessia, mas que sempre estarão em minha vida, perto ou longe; que me acolheram com tanto carinho. Minha gratidão à Congregação do Santíssimo Redentor, nas pessoas dos religiosos Bruno Morais Barros, Daniel Aime Schone e Nelson Hugo de Carvalho. Aos Frades Menores Capuchinhos, na pessoa do Frei Gabriel Maciel, à Ordem dos Frades Menores, na pessoa do Frei Marcelo da Silva Goncalves, e à Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, na pessoa de Jhonatan Leandro Lopes.

A todo o corpo docente de Filosofia do IFITEG, que tanto me auxiliou nos conhecimentos adquiridos e no incentivo à busca de novos saberes. Aos colaboradores do IFITEG, Daniel Ferreira Pedrosa, Claudilene Gomes Ribeiro, Mônica Patrícia de Sousa, que desempenharam seu trabalho bem mais do que exigiam suas obrigações.

Às amigas Ana Cândida de Jesus Queiroz, Terezinha de Fátima Togo e Rita de Cássia Dias Borges Melo, pelo apoio constante nesses anos. À minha família, que sempre esteve ao meu lado nesses anos, em especial ao meu sobrinho Laudiney Mateus Alves, pelo apoio constante na minha vida de modo geral. Deus o abençoe!

*Que eu, Senhor, te procure invocando-te, e te invoque crendo em ti, pois me pregaram teu nome. Invoca-te, Senhor, a fé que tu me deste, a fé que me inspiraste pela humanidade de teu Filho e o ministério de teu pregador.
(AGOSTINHO, Confissões, I, 1).*

RESUMO

Agostinho é, certamente, um dos principais expoentes do pensamento ocidental nos últimos séculos. Mais que isso, está nas bases da formulação doutrinária e da elaboração racional do cristianismo. É, por isso, considerado um dos Pais da Igreja. Este trabalho busca investigar, a partir do pensamento agostiniano, a articulação necessária entre fé e razão em busca da verdade. Agostinho parte de um caminho pessoal, desde suas experiências anteriores à conversão, em que, pouco a pouco, vai descobrindo a identificação entre Deus e a verdade, o que buscava inconscientemente em seus primeiros movimentos na Filosofia – maniqueia e neoplatônica. Para isso, o texto que constitui a presente investigação se divide em três partes. A primeira, focaliza o percurso do filósofo e suas principais influências. A segunda concentra-se ao redor do testemunho revelado em uma de suas obras mais conhecidas, as *Confissões*. O terceiro, enfim, destaca e interpreta passagens colhidas de *A verdadeira religião*, em que a relação entre fé e razão se acena evidente. As três partes compreendem o que aqui se impõe como um exercício de atualização da discussão, com relevância para a esfera acadêmica, para a vida comunitária do cristianismo atual e para a formação de sua autora.

Palavras-chave: Agostinho; Fé; Razão; Cristianismo; Verdade.

ABSTRACT

Augustine is certainly one of the main exponents of Western thought in recent centuries. More than that, it is at the base of the doctrinal formulation and rational elaboration of Christianity. He is therefore considered one of the Fathers of the Church. This work seeks to investigate, from the Augustinian thought, the necessary articulation between faith and reason in search of the truth. Augustine departs from a personal path, from his experiences prior to conversion, in which, little by little, he discovers the identification between God and truth, which he unconsciously sought in his first movements in Philosophy – Manichean and Neoplatonic. For this, the text that constitutes the present investigation is divided into three parts. The first focuses on the philosopher's career and his main influences. The second focuses around the testimony revealed in one of his best-known works, the *Confessions*. The third, finally, highlights and interprets passages taken from *The true religion*, in which the relationship between faith and reason is evident. The three parts comprise what is required here as an exercise to update the discussion, with relevance for the academic sphere, for the community life of current Christianity and for the author's education.

Keywords: Augustine; Faith; Reason; Christianity; True.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HORIZONTE EPOCAL E INFLUÊNCIAS NO CAMINHO AGOSTINIANO	11
1.1. UM FUNDAMENTO: A EXPERIÊNCIA VITAL	11
1.2 INFLUÊNCIAS: O MANIQUEÍSMO E O NEOPLATONISMO.....	14
1.3 A NOVIDADE DO CRISTIANISMO	17
1.4 AS DEMANDAS PARA FUNDAMENTAR A FÉ	20
2 DA DESCONFIANÇA À GRAÇA DA FÉ: UMA LEITURA DAS CONFISSÕES ...	23
2.1 UMA VIDA DE BUSCAS E A VERDADE COMO META	23
2.2 A CAMINHO DA VERDADE: A CIÊNCIA E A FÉ DIVINAS	26
2.3 DA RAZÃO À FÉ VERDADEIRA NAS “CONFISSÕES”	28
3 FÉ E RAZÃO EM A VERDADEIRA RELIGIÃO	33
3.1 PRESSUPOSTOS PARA A VERDADE DA FÉ E DA RAZÃO	33
3.2 A LUZ DE CRISTO E O MAR DA VIDA	35
3.3 O <i>DISERCERNIMENTO</i> NECESSÁRIO AO CAMINHO DA VERDADE	38
3.4 A VERDADE DA CRIAÇÃO APONTA PARA DEUS	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a investigação da existência da mútua implicação entre fé e razão no pensamento de Santo Agostinho, isto é, compreender a relação entre a fé e a razão conforme o desenvolvimento da vida e da filosofia desse importante “pai” da cultura ocidental. Entende-se que essa concepção é fundante para a compreensão do advento do pensamento cristão, além de auxiliar o homem a compreender suas questões existenciais. Ao acessar o conhecimento iluminado por Deus, Agostinho nos ensina uma importante lição: só através dessa iluminação é possível um aprendizado da Filosofia que permita a sustentação racional do cristianismo, cujo preceito é Jesus Cristo, e sua principal característica é a revelação da verdade divina.

Partindo do ponto de que o estudo da filosofia cristã, de maneira especial do pensamento filosófico de Santo Agostinho, contribui de forma considerável para o crescimento e o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos acadêmicos filosóficos, bem como a inquestionável influência do pensamento agostiniano ainda hoje em diversos centros de estudos universitários, essa investigação pretende justificar-se. Motiva-se, outrossim, a apresentar que o estudo do pensamento de Agostinho ajuda também a entender o início do cristianismo, de modo que visa contribuir com o Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG) e seus estudos e pesquisas. Considerando o caráter cristão do Instituto, a pesquisa sobre Agostinho auxilia na continuidade de um longo caminho já existente nessa unidade de ensino.

Agostinho foi um dos primeiros filósofos a conseguir aliar a tradição da filosofia grega às verdades reveladas, agregando à Filosofia a ideia da fé. Os padres latinos que vieram antes de Agostinho pouco se interessavam pela filosofia e seus pensadores. Agostinho foi pioneiro no período da patrística ao dar esse passo à frente, percebendo que a fé teria mais transparência a partir do uso da razão aliado à iluminação divina. Por outro lado, a fé seria fonte de estímulos para o desenvolvimento da razão. Esse pensamento de Agostinho foi possível graças à leitura de Plotino, que lhe propiciou novas possibilidades, que acabariam com todas as suas convicções postas pelo maniqueísmo, quebrando de vez a ideia do mal como substância (cf. REALE, 2003, p. 418).

Esse processo de conversão da fé em Cristo muda em Agostinho o modo de levar a vida. Desse seu próprio testemunho vivencial, Agostinho ajudou a entender melhor a relação entre fé e razão, que só é possível com o auxílio da revelação divina. Assim se forma o início do pensamento cristão, entendendo essa conexão de suma importância que é preciso para se chegar a Deus, o que, em grande parte, inicia-se num momento histórico chamado Patrística. Entusiasmado com a fé que adquiria também raciocínio lógico com novas características e expressões, nascia, então, uma nova natureza, e com todas essas novidades no seu ser e o abandono das práticas maniqueístas, começava a se preocupar com a necessidade de encontrar fundamentos racionais que justificassem a fé, já que o cristianismo crescia cada dia mais (REALE, 2003, p. 420).

Para Agostinho, o mais importante de tudo era a verdade mais pura e uma iluminação divina que desvela o que restava oculto na mente humana, impossibilitando-a a alcançar a compreensão autêntica, infundável e manifesta da verdade que é Deus. Espera-se, portanto, com este trabalho, que, ao analisar o tema da mútua implicação entre a fé e a razão no pensamento de Santo Agostinho, alcance-se a possibilidade de se estabelecer uma relação entre esses dois campos distintos, bem como a possibilidade de eles se complementarem mutuamente, fecundando-se.

A razão e a compreensão discernem a nossa consciência a respeito de como é possível chegar à verdade através da Filosofia, o que não implica nenhuma forma de desprezo à fé revelada. Agostinho tem um pensamento que desvenda as verdades da fé até então ocultas, por uma longa tradição de pensamento na Grécia Antiga, mas que, com os estudos e as reflexões realizados no período da Patrística, puderam vir à tona. A consciência nos permite compreender assuntos como fé, religião, ambos aspectos constituintes da existência do homem que só são possíveis graças à revelação divina. Como componentes essenciais no ser humano, fé e razão constituem aspectos determinantes de sua natureza, que não podem ser tomados isoladamente.

1 HORIZONTE EPOCAL E INFLUÊNCIAS NO CAMINHO AGOSTINIANO

Ó caminhos tortuosos! Ai da alma temerária que, afastando-se de ti, esperava achar algo melhor! Dá voltas e mais voltas, para todos os lados, mas tudo lhe é duro, porque só tu és seu descanso. Mas eis que estás presente e nos livrais de nossos miseráveis erros, e nos pões em teu caminho.
(AGOSTINHO, Confissões, VI, 16)

Este capítulo aparece, no conjunto de nossa pesquisa, como ponto de partida. Ao longo de sua leitura será possível partir da realidade vivenciada por Agostinho em sua própria história em busca da articulação que, já a sua primeira experiência do pensar, descobriu entre os âmbitos da razão e da fé. Para isso, também será de crucial importância atermo-nos às influências sofridas por parte do maniqueísmo e do neoplatonismo, mas também salientar a novidade do cristianismo na vida deste que, certamente, é um dos autores mais importantes da Patrística.

1.1. UM FUNDAMENTO: A EXPERIÊNCIA VITAL

No dia treze de novembro de 354 d.C., Monica dava à luz a um menino que, mais tarde, se tornaria um grande filósofo, alguém cujos pensamentos ultrapassariam o seu tempo. Filho de uma mulher temente a Deus que seguia fielmente os ensinamentos de Deus e de um pai ateu que somente se preocupava com os estudos sistemáticos importantes na época para torná-lo um homem bem-sucedido, mais tarde Agostinho vai para uma cidade que lhe oferecia mais oportunidade e qualificação estudantil. Agostinho era um jovem questionador que, por vezes, não se contentava com tudo o que lhe era apresentado. Ia sempre além em busca de respostas, movendo-se completamente, pois possuía um desejo de conhecimento pleno. Enquanto isso, nas palavras de Insunza (2003, p. 19), “Patrício prepara o futuro de Agostinho como orador dos tribunais e Mônica contempla preocupada aqueles anos durante os quais filho vivia sem freio e por isso longe da religião”. Vivendo com influência da sociedade, enquanto Monica guardava no coração preocupações para com a vida de seu filho, sobretudo no caminho que tomaria em relação a Deus (INSUNZA, 2003).

Houve um tempo em que seu filho não a ouvia, levando a vida por conta própria, longe da religião. Como qualquer jovem da sua idade, um dia se sentiu-se atraído por uma mulher. Do desejo ardente de estar com ela e desse amor nasceu um filho, que ganhou o nome de Adeodato, que significa: “dado por Deus”. Na sua inquietude, Agostinho procurava nos estudos dos corpos celestes respostas para as suas perguntas; ia em busca de toda a ciência que lhe possibilitasse satisfazer o seu ardente desejo de encontrar a verdade. Recorrera até mesmo à astrologia, na sua busca incessante pelas perguntas aparentemente sem respostas (cf. INSUNZA, 2003). Mais tarde, perceberia que nada de astrologia ou horóscopo daria respostas a tantas perguntas, agradecendo a Deus por mais uma vez ter-lhe aberto os olhos: “De fato, quem pode nos arrancar da morte do erro, senão a Vida que não conhece a morte, a sabedoria que ilumina as inteligências carentes sem precisar de luz alguma, e que governa todo mundo, até as folhas mais agitadas do mundo” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 8).

Eis que chegava às mãos de Agostinho “Hortênsio”, uma obra escrita por Cícero que, dali em diante, o impulsiona a ir ao encontro de um legítimo conhecimento. Certo dia, ouvindo a pregação de Ambrósio, ficara interessado não somente pelo que ele dizia, mas pela sua figura, que chamava atenção. Nascia então uma amizade, nutrida pela confiança de ambos os lados. Com essa relação Agostinho começa a se desvincular das ideias do maniqueísmo e sua mãe, Mônica, já sentia no seu coração que seu filho se aproximava do seu batismo, um enamorado pela vida. A mãe não desistia de lhe passar a fé do cristianismo, que sempre recebia com grande interesse pelos assuntos trazidos pela filosofia. O desejo de seu pai era que o futuro do seu filho lhe garantisse chegar ao magistério, por meio de uma oratória eloquente, capaz de dominar um discurso com suas palavras. Assim, seria capaz de alcançar um lugar de destaque na sociedade naquela época (cf. CREMONA, 1990, p. 39).

Agostinho se aprofunda com bastante interesse em seus estudos; nalgumas matérias mais, em outras menos, como grego, que jamais conseguiu aprender com boa fluência. Depois de um tempo de vida mundana, retorna aos estudos, em meio a que vive uma vida feliz de jovem. Mônica coloca seu filho para receber a iniciação do batismo, o que para Agostinho era totalmente incoerente com que o que ele na verdade procurava entender. Lia a Bíblia apenas por bisbilhotice. Os escritos, porém, as versões de outras línguas, deixam Agostinho desmotivado por não compreender totalmente o que a mensagem transmitia (CREMONA, 1990, p. 20).

Com a morte do pai. Agostinho vê na necessidade de empregar-se e começa a dar aulas em Tangaste. Lá conhece Alípio, surgindo uma grande amizade entre eles. Posteriormente, conhece uma mulher, por quem nutre grande amor, embora fosse incapaz de assumi-la, por serem de camadas sociais diferentes. Desse amor, como dissemos, nascera seu filho, o único de sua vida, Adeodato. A vida passava com muitos aprendizados, sonhos e desventuras, até que Adeodato acabou por falecer, logo depois de Agostinho realizar um dos seus maiores sonhos, que era iniciar uma organização religiosa que se dedicasse a olhar o tempo e a admirar as coisas que são simples e em geral passam despercebidas, embora sejam de grande importância para vida (cf. INSUNZA, 2013).

No ano de 391, Padre Valério tem grande necessidade de alguém que o ajudasse no seu ministério. O povo, sentindo essa mesma necessidade, pede com insistência para que Agostinho se torne padre. Ele aceita e cumpre com louvor sua missão. Agostinho dedicara muito tempo à escrita e sempre em busca da verdade, à qual dedicou toda a sua energia. O mundo sensível o tocou e ele começou a viver de forma intensa, como filho, professor, amante, amigo e depois como religioso. A multiplicidade de suas experiências em vários âmbitos, com algumas contradições, ora de alegrias, ora de tristezas intensas, mas sempre lhe proporcionando a construção de experiências radicais como ser humano. Passou por momentos de angústia e, ainda assim, nunca deixou de amar a vida, tendo com ela uma relação de muitas emoções amores e desamores, em busca de um equilíbrio que só mais tarde encontrou (cf. INSUNZA, 2013).

Já dessa descrição pode-se extrair todo o fascínio demonstrado por Agostinho pela sua existência, motivado pela necessidade de expor todas as suas mazelas, para que pudessem se tornar modelo para aqueles que buscavam um novo modo de viver, longe dos erros até então praticados numa vida cheia de fases, construídas e desconstruídas, um pouco ali, um pouco aqui; forjando, pela experiência, a pessoa de Agostinho. Entre as principais influências em seu percurso, destacam-se o maniqueísmo e o platonismo, sobretudo em sua fase de juventude, com as despreocupações e diversões próprias aos jovens daquela época. Somente quando mais maduro surgiram as questões existenciais e divinas. Para isso, Ambrósio seria uma figura determinante, a qual lhe chamara a atenção desde logo. Nascia, assim, uma amizade nutrida de credibilidade de ambos os lados. É a partir daí que Agostinho começa a se desvincular do maniqueísmo, pelo que sua mãe já sentia em seu coração

a proximidade do batismo do filho” (AGOSTINHO, 1984, p. 12). Tomando esse dado como fundamental para o processo de conversão praticado por Agostinho, em “25 de abril de 387, na Vigília Pascal, recebe o batismo das mãos do bispo Ambrósio. Morre o Agostinho do maniqueísmo, intoxicado pelo gosto dos aplausos nos tribunais, e nasce o Agostinho convertido, servo de Deus que vai tentar fazer do evangelho de Jesus sua própria vida” (INSUNZA, 2013, p. 42).

A oração presente nos *Solilóquios* (1,1,5), “Aumenta a fé, a esperança, aumenta o amor”, talvez já estivesse no coração de Agostinho quando um grupo de familiares e amigos retomou o caminho para Milão, para ali receber o Batismo. Entre os catecúmenos, Agostinho, Alípio e Adeodato. O último catequista de Agostinho foi o bispo Ambrósio, dando-lhe os devidos esclarecimentos sobre o sacramento que iria receber: “Símbolo dos Apóstolos, Oração do Pai-nosso e a renúncia do demônio” (SESÉ, 2011, p. 86). Os catecúmenos foram em direção à Pia Batismal, onde, um por um, seriam emergidos nas águas, a fim de se limparem de toda a violação cometida até então. Ali Agostinho recebia o Batismo e abandonava toda inquietação presente em seu viver (SESÉ, 2011, p. 86-87).

A vida vai seguindo seu rumo e o destino lhe faz escolher viver com um grupo de pessoas com o mesmo objetivo religioso, até que um dia, em uma de suas homilias o presbítero falava da necessidade de encontrar alguém que assumisse com competência os afazeres da igreja, com zelo e amor. Trata-se do convite para servir em Hipona, como bispo, ovacionado pelo desejo do povo para que assumisse essa missão. Agostinho, que sempre desenvolveu o seu talento para a escrita, passa a usar toda a sua força e habilidade, toda a sua energia possível para que se fizesse compreender sobre a impenetrabilidade do mistério da Trindade, tentando achar um traço que evidenciasse esse aspecto nas criaturas. Com 76 anos de vida, deixou esse mundo, pouco tempo vivido para o homem que foi um grande filho, pai, filósofo, e conseguiu chegar à santidade (cf. INSUNZA, 1995, p. 53).

1.2 INFLUÊNCIAS: O MANIQUEÍSMO E O NEOPLATONISMO

Na época de Agostinho, era forte a corrente de pensamento chamada maniqueísmo. Essa filosofia o influenciou e o distanciou ainda mais do pensamento cristão de fato. O maniqueísmo defendia a existência de duas forças no mundo: a do bem e a do mal. Esse duelo entre essas duas potências, que poderiam levar à

salvação por meio do intelecto. A presença de Deus, em seu lugar, se deduzia de padrões não somente de uma sociedade pautada por um modelo a ser seguido, mas também por meio das verdades sobre o início do espaço infinito. Conforme Reale (2003, p. 82), “todas as fases da vida e os acontecimentos a ela relacionados, em todos os aspectos, mostram-se decisivas para a formação espiritual e a evolução do pensamento desde sua fecundação”.

Quando Agostinho se aproximou dos homens cujo maniqueísmo era a principal corrente filosófica professada, e ainda não tinha consciência do que significaria essa relação, fora atraído pela radicalidade: reativos à carne, sempre usando o nome de Deus, tentando, assim, criar uma confusão mental, dando artifícios ainda que inconscientes que levassem àquele que só o mal promove. Para eles a verdade era algo que jamais poderia ser conhecido. Apenas poderia ser pronunciado, como se se conhecesse atleticamente, por esforço pessoal das condições materiais. Tardamente, Agostinho se recorda daqueles anos, arrependendo-se: “Verdade, verdade! Já então suspirava por ti do mais íntimo do meu ser, enquanto eles me faziam ouvir o teu nome tantas vezes e de várias maneiras, mas apenas com lábios e através de pesados e numerosos volumes! E eu tinha fome de Ti” (AGOSTINHO, Confissões, III, 10).

Um pouco mais adiante, nas mesmas confissões, encontramos outro relato sobre a experiência junto aos maniqueus: “Enquanto permanecia diante dos maniqueístas eu era louco por te encontrar, porém se me era oferecido aquilo que me confundia, mas graças à verdade revelada pode, então, entender que pelo teu amor, e tua piedade, antes mesmo que tivesse consciência da sua presença, Tu já habitavas em mim” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 13). O Logos fez morada entre os homens e, ainda assim, mostrando sua forma, como se se oferece aos pequenos, com toda sua benevolência, mantinham-se várias dúvidas, presentes ao itinerário agostiniano. A busca pela verdade mantinha-se uma constante, mas uma constante em meio à adversidade da procura: “No princípio era Deus e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus e estava com Deus, tudo foi feito por meio dele e sem ele nada seria feito” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 12).

Aquilo que está no esplendor clareia e ilumina a escuridão da ignorância. Mesmo que, por vezes, lutemos contra ela. Por isso, outra corrente decisiva no caminho de Agostinho de busca pela verdade, também ocupou lugar de destaque o neoplatonismo. O neoplatonismo teve grande importância no pensamento de

Agostinho, em sua vida e em sua formação intelectual. Foi também a experiência com o neoplatonismo que ajudou Agostinho a chegar ao ápice da sua conversão, no cristianismo, auxiliando e dando clareza aos seus pensamentos. Foi considerado que Agostinho tenha reproduzido a fala dita pelos neoplatônicos, embora influência não se refira a simples apropriação e repetição. O filósofo certamente encontrou seu caminho autoral, no âmbito do pensamento cristão, inclusive consolidando algumas de suas bases filosóficas e teológicas. Então, ainda que o neoplatonismo não seja o centro do pensamento de Agostinho, foi percurso necessário para chegar uma filosofia cristã, com os ideais de Cristo (cf. COSTA, 2006).

O neoplatonismo sempre obteve uma destreza em conciliar a doutrina de Agostinho com seu espírito, ganhando um novo ânimo e dando a seus pensamentos uma nova visão. Foi a orientação intelectual que possibilitou ao seu pensamento chegar a novos conceitos, a acrescentar novas ideias e a ativar no seu intelecto uma fé que o levaria a caminhar até a sua conversão ao cristianismo. Agostinho foi muito influenciado pela filosofia dos maniqueístas, que tinha a certeza de duas forças existentes no mundo desde a criação; a própria criação como resultado de uma disputa de duas forças opostas, um duelo entre o bem e o mal¹. Esse pensamento fez parte da ideia das trevas e da luz, bem como da referência às duas naturezas corporais. Mas Agostinho conheceria Ambrósio, que lhe revelaria que Deus é o criador de tudo, tudo que existe vem de Deus, de uma essência espiritual única (cf. COSTA, 2006).

Muitas coisas para Agostinho eram inaceitáveis, como a afirmação de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Isso não era compreensível para Agostinho. No entanto, ao ler a Bíblia e, em seguida, “Hortensius”, começava a achar sentido no que antes não entendia. Já não era mais absurdo o que parecia ser e observar, podendo ser interpretado de modo diferente mais aceitável. Com as falas de Ambrósio, Agostinho desenvolve tanto um talento para as coisas intelectuais, quanto para as coisas ligadas ao sagrado. Compreendia que Deus é o único criador de tudo e conseguiu ir deixando para trás o que aprendera com o maniqueísmo – chegando mais perto do cristianismo, que se lhe mostrava como uma “novidade cativante” (cf. COSTA, 2006).

¹ Sobre isso, ver “Do problema do mal à alegria de ser como dom” (MARTINS FILHO, 2018) e “A ideia do mal no Comentário ao Gênesis de Santo Agostinho” (SOUTO PINTO; MARTINS FILHO, 2022).

1.3 A NOVIDADE DO CRISTIANISMO

Tudo que se diz filosófico, mas também adquire um caráter religioso, num apanhado de elementos concretos a respeito da fé que professamos em Jesus, está imbricado no cristianismo nascente. Entendemos, por isso, que desde o início até hoje os pensadores cristãos foram formando esse sistema ao qual se dá o nome de filosofia cristã, por causa da unidade de pensamento filosófico com que se diz respeito ao sagrado, a Jesus e aos seus ensinamentos. Quem possui uma fé, uma crença, a imprime em suas ações naturais do dia a dia, tendo na revelação cristã recursos que auxiliam até mesmo na dimensão ética da vida, princípios imprescindíveis para o bom uso da razão. A fé tem uma forte característica que conduz a filosofia cristã: quando um pensador que segue as doutrinas com afinco consegue realizar a filosofia com jeito religioso, toda a filosofia cristã é conduzida e orientada, pela transmissão do que foi vivenciado ao longo do tempo em relação ao cristianismo, desde que houve um grupo com o mesmo objetivo de seguir os ensinamentos de Jesus. É, portanto, incontestável a importância e a contribuição daqueles que são os progenitores da filosofia aliados da fé, como Justino, que representa os vestígios cristãos na filosofia, mas também os escolásticos, que têm em Agostinho e nos padres da Igreja a lembrança da aurora de quando tudo começou (PHILOTHEUS; GILSON, 1991, p. 9).

De acordo com o estatuto epistemológico da verdade em Santo Agostinho, temos a consciência do ser que somos já no início de um pensamento que segue as doutrinas de Cristo. Na filosofia cristã, a verdade e Deus têm um único princípio, que sobrevive no tempo e permanece presente no ser humano. Conseqüentemente, um pensar sobre a religião referente ao cristianismo católico, por exemplo, se move a partir dos vestígios deixados por Deus, pelos quais nós nos conhecemos e, de certa forma, conhecemos também a Deus, a origem de tudo o que há. O pensador considera, por isso, necessária a construção de uma base primordial do pensar das coisas terrenas, que, embora terrenas, sempre estão relacionadas àquilo que pertence ao sagrado. Na verdade, a filosofia de Agostinho é uma espécie de mistura das coisas do cristianismo, mistura que se dá no campo referente à fé e à razão; mais que isso, propondo um reencontro da fé com a razão: quando conhecemos alguém, temos a possibilidade de acreditar naquilo que ele pode nos proporcionar, assim como quando somos apresentados à fé e à razão temos um propósito de uma filosofia cristã que remete aos ensinamentos de Jesus.

No livro supracitado, Agostinho relata quando começou a vivenciar a fé católica, partindo do discernimento sobre algo que antes para ele era impossível de dar testemunho, até mesmo pela inocência que provém do ser humano, chegando à ruptura de sua indiferença com as Sagradas Escrituras. Esse processo o levaria a se comprometer a evitar pensamentos imprudentes e atos que o tornavam incapaz de ser um homem pleno, isto é, de associar fé e razão e assentir à fé cristã. Assim, segundo o próprio autor, foi o seu processo de despertar para a vida, como abundam passagens em sua obra “Confissões”

Porém, mesmo ante à sua conversão, houve ainda um longo processo de aprendizado e total entrega à palavra de Deus por parte de Agostinho. Sua conversão passou momentos difíceis de dúvidas e incertezas até que o coração de Agostinho foi, aos poucos, moldado pelo amor de Deus. Antes questionava o que tinha como verdade, uma dúvida sobre como ter a certeza de que a palavra de Deus contida na Bíblia podia ser realmente revelada por Deus. Após sua conversão isso não mais o perturbava, porque era possível extrair do seu coração essa certeza, mas também de sua presença no mundo. Às vezes ainda oscilava entre a certeza da fé e o seu questionamento, ora convicto, ora descrente, mas sem nunca deixar de acreditar na existência de algo superior que nos criou e ampara, mesmo sem ter a mínima noção de onde vinha tal existência, nisso apostava suas convicções. Como, porém, chegar a Deus desde a nossa existência efêmera? Para tal, não podia se valer, como pensara de forma vã a partir do maniqueísmo, unicamente da razão, sendo necessária à sua articulação com a esfera da fé (AGOSTINHO, Confissões, V, 7).

Com seu crescimento tanto espiritual, quanto racional, Agostinho já sentia a necessidade das leituras bíblicas, pois iniciava um novo processo de pensamento, que o questionava a si mesmo se o que existia nas escrituras não era oculto e sim se fazia visível aos olhos de quem lê e, por isso mesmo, apreensível pela compreensão racional. Se tantas pessoas percebem com clareza o que Bíblia transmite, fica evidente a veracidade do que nela está contido. Assim Agostinho principia na consideração de que a Palavra é ponto de partida para o encontro com Deus. Depois de um longo caminho percorrido Agostinho começa a chegar na descoberta da verdade, cuja conclusão foi a de que se, em vez de criticar e atacar aqueles que viviam uma doutrina com confiança e fé baseado no conhecimento que eles tinham através das leituras bíblicas, tivesse primeiro tentado entender o porquê dessas pessoas aderirem a essa fé, não teria se deixado seduzir por vãs correntes de

pensamento; tampouco teria se deixado alimentar com o que não corresponde à verdade, e “isso me desconsolava, por antes ter importunado e atacado a doutrina católica com as minhas discriminações e denúncias sem fundamento” (AGOSTINHO, Confissões, V, 7-8).

Complementa as motivações que levaram Agostinho a aderir à religião cristã a certeza que brotou do seu coração a partir dos ensinamentos de Jesus. Para ele, tratava-se de uma religião que acolhe a todos que desejam fazer parte do seu corpo, já que é uma igreja que procede da pessoa de Jesus e é também uma igreja que se faz presente no mundo inteiro, trazendo os ensinamentos daquele que a inspirou. A base da Igreja Católica só foi possível através de uma revelação divina, tendo, para isso, uma longa trajetória dos que vivenciaram desde o anúncio, transmitindo aos demais, que vieram nos séculos seguintes. Através da ação suprema de Deus é que somos inspirados e descobrimos o quanto é possível nos moldar, para que nos tornemos dignos de merecer e concretizar em nossa vida a vida eterna. Esse pensamento se torna verdade para espontaneamente, e aos poucos, tiramos dos nossos pensamentos tudo o que nos afasta dessa realidade possível de viver, dando nós a capacidade maior de enxergar as realidades espirituais (cf. AGOSTINHO, A Verdadeira Religião, I, 12). Isso é também o que se pode intuir das seguintes palavras:

Porque tua igreja única, corpo do teu Filho em cujo seio desde menino aprendi o nome de Cristo. Me sentia feliz por ter compreendido enfim como deveria ler e interpretar a mensagens deixadas a tempo pelos profetas e que muitos revelavam sobre Ti, agora com mais clareza entendendo melhor, já não mais recriminava a fé que antes me parecia incoerente, não mais me referiam com maldade aos que possuíam essa fé, em traços e elementos, em coisas que para mim estavam longe de ser verdade (AGOSTINHO, Confissões, V, 7-8).

A participação na doutrina cristã, como mais tarde o próprio Agostinho iria se referir, não lhe garantiu completa serenidade ou conformação. Lembramos que o cristianismo daquele período ainda não se assemelhava aos dias atuais, com assentamento de doutrina e pontos considerados pacíficos desde o ponto de vista da aceitação da fé – os dogmas, por exemplo. Já num contexto de cristianismo efervescente, tendo se afastado das doutrinas herdadas seja do maniqueísmo, seja do neoplatonismo, coube a Agostinho, na esteira de outros que no mesmo período mantinham semelhante esforço, mobilizar fé e razão no intuito de contribuir numa cada vez mais aperfeiçoada exposição dos princípios basilares da crença cristã. Isso é o

que aqui consideramos como última parte deste capítulo: as demandas para se fundamentar a fé.

1.4 AS DEMANDAS PARA FUNDAMENTAR A FÉ

O estatuto epistemológico da verdade em Santo Agostinho diz respeito a um itinerário complexo, do qual se pode apreender as adversidades postas à procura da verdade, que só pode ser conhecida e alcançada através do equilíbrio entre fé e razão. Sabemos que é impossível acreditar em algo se não temos a consciência do que a coisa realmente é. A consciência possibilita o ato de entender todas as coisas, inclusive a fé. Trata-se do primeiro degrau que nos leva a Deus, que é a própria verdade e só por meio da razão ligada à fé faz-se acessível ao homem. Esse, por sua vez, mobiliza sua faculdade intelectual, isto é, o raciocínio para chegar ao saber e percepção do que é o divino. Como asseveram Costa e Rego (2006, p. 249), “Agostinho com grande fervor em estar intimamente ligado a Deus incentiva o ser humano a ir em busca da sua liberdade, daquilo que o faz preso a tudo aquilo que o afasta da verdade que é Deus”.

A esse respeito, bem vale o diálogo com a exortação apostólica titulada *Fides et Ratio*, publicada por João Paulo II em 1998. A esperança, citada no referido documento, implica que a confiança já e postura de quem tem fé, fazendo que nunca deixemos de procurar enxergar aquilo que não se pode alcançar apenas com os olhos da razão (JOÃO PAULO II, 1998). A fé, nesse sentido, contribui com o intelecto evidenciando o que não se pode alcançar pela via dos sentidos exteriores. Crer e conhecer não são faculdades tão distantes como geralmente pensamos ser. São, ao contrário, modalidades igualmente fundamentais na composição do ser humano: “De modo algum, repito, devemos crer de tal forma a não aceitarmos ou procuramos razão, pois não poderíamos sequer crer, se não tivéssemos almas racionais” (MATTOS, 2022, p. 35-36).

Para Agostinho é impossível desvincular a fé da razão, porque esses dois conceitos possuem a mesma essência. Cabe, porém, à fé a responsabilidade de levar o homem a encontrar um caminho para a interioridade, para o âmbito distante de toda dispersão dos sentidos, em que se pode descobrir a verdade. De acordo com o pensamento agostiniano, portanto, a fé é responsável por moldar o homem a uma reflexão mais íntima (cf. MATTOS, 2022, p. 45).

A fé diz respeito a sentir algo não completamente explicado mas, ainda assim, fundamentado na razão. A razão, como obra e dom do criador, conduz o homem para o transcendental, sem contradições. Num caminho cujo termo é o conhecimento verdadeiro, pelo que também coincide com a faculdade de conhecer. A fé, então, pauta-se por um horizonte de sentidos e convicções, por uma realidade e é orientada pela razão. Isso é o que lemos no seguinte comentário:

Existem as verdades da fé e somente pela revelação cristã, as quais podemos chegar através da razão, sendo a razão obra de Deus poderíamos alcançar essas verdades tanto pela fé como pela razão, fé e razão são rios que desembocam num mesmo oceano. Existe um caminho único que viabiliza o conhecimento autêntico que acontece pela via da fé, na certeza das crenças e correntes racionais indicando a felicidade (MATTOS, 2022, p. 46).

Em vista da finalidade, a dualidade fé e razão diz respeito ao mútuo pertencimento de uma potência em relação à outra, um direcionamento que não impõe uma única direção, da fé para a razão ou da razão para a fé, mas é multidirecional e sempre participativo. O oposto à certeza, nesse sentido, a dúvida, apresenta-se como um atestado tanto à fé, quanto à razão. Fé e razão são as bases da sustentabilidade da verdade. Fé, como o acreditar e o confiar no inexplicável absoluto; confiar em coisas a respeito das quais se pretende um conhecimento mais profundo: circunstâncias em que não se vê por meio dos olhos, mas se enxerga pela confiança. Nesse sentido, existem questões da fé que somente são possíveis através da revelação cristã, ante as quais somente pela fé se chega à plena realização, que é Deus. Daí que nunca se chega sozinho ao conhecimento, à certeza, ou à crença, já que Deus é a origem desse movimento e a sua possibilidade de consecução.

A fé implica vivenciar algo não explícito, mas justificado racionalmente pela vereda da razão, como propensão e ação de Deus que aproxima o ser humano da certeza da transcendência. Fé e razão são, além disso, caminhos complementares rumo à felicidade. Assim como um pássaro, quando perde uma de suas asas, fica impossibilitado a voar, ocorre com o ser humano sem uma de suas tendências. Essa imagem é evocada por João Paulo II na explicitação da relação entre fé e razão (cf. JOÃO PAULO II, 1998). A razão nos dá a capacidade de entender as ponderações do que é certo ou errado, que serve ou não a moral humana, o que pode ou deve ser evitado (cf. MATTOS, 2022).

Muitos são os meios que proporcionam ao ser humano conhecimento de si e a descoberta da verdade. A verdade humana está presente na sua condição de transcendência, salientada pela encarnação de Deus entre os homens, na figura de Jesus. Jesus é o modelo a partir do qual se pode tomar, conforme Agostinho, a condição de abertura do ser humano a Deus. Nesse sentido, a fé é também um retorno de reverência a Deus, que se dá a conhecer na sua divindade transcendental; que liberta magnificamente e permite-lhe a realização de sua essência espiritual. Está sempre em assistência da razão, que investiga o entendimento do mistério, a manifestação exposta na revelação, auxiliando-nos a que nos dirijamos ao mais extremo da busca da verdade (MATTOS, 2022, p. 52).

A compreensão da fé não invalida o mistério, mas, ao oposto, transforma o óbvio e denomina-se como uma circunstância primordial para a vida do homem, quão imensa é a junção entre os tipos de conhecimento oriundos da dimensão da fé ou da razão

A fé permite que cada um exprima melhor a sua natureza espiritual, em auxílio da razão, que procura compreender o mistério através dos sinais presentes na revelação. Estes sinais servem para conduzir mais longe a busca da verdade e permitir que possa, automaticamente, investigar os mistérios com seus próprios meios. O conhecimento da fé não anula o mistério, mas o torna mais evidente e apresenta-o como um fato essencial para vida do homem.

2 DA DESCONFIANÇA À GRAÇA DA FÉ: UMA LEITURA DAS CONFISSÕES

*Que eu, Senhor, te procure invocando-te, e te
invoque crendo em ti, pois me pregaram teu
nome. Invoca-te, Senhor, a fé que tu me deste, a
fé que me inspiraste pela humanidade de teu
Filho e o ministério de teu pregador.
(AGOSTINHO, Confissões, I, 1)*

A obra “Confissões”, de Agostinho, não é, definitivamente, um escrito dirigido ao público infantil. Ainda assim, há em suas páginas indagações próprias às crianças, como forma de demonstrar o itinerário de amadurecimento da fé proposto por seu autor, o que nos leva à seguinte constatação: da vida mais banal e comum pode-se retirar a mais refinada filosofia. No que diz respeito ao conteúdo do livro, é notável um abrangente relato das experiências vividas pelo autor, não apenas como uma simples biografia, mas um trabalho maduro que expõe várias questões filosóficas, mesmo sem se restringir a elas. Apesar de ser um livro que conta o itinerário de sua existência após a conversão, também faz uma análise profunda da existência humana e, nessa oportunidade, o tomamos como fonte de reflexão acerca do problema da fé e da razão.

2.1 UMA VIDA DE BUSCAS E A VERDADE COMO META

Ouvindo a exortação de Ambrósio, Agostinho entende com mais clareza o que ele anunciava com um novo espírito. Mais atento para ouvir e assimilar o que era transmitido através da fala do bispo, conseguia distinguir com maior clareza e entender o que a Bíblia queria dizer, já que, por vezes pela sua falta de compreensão, tinha a impressão de que o texto remetia ao oposto do que era o bem.

Tudo que Ambrósio pronunciava era impossível de ser questionado. Talvez pelas verdades que imprimia em suas palavras, apesar de ter a certeza de que o pronunciado sempre está aquém da interpretação humana, já que a verdade é uma meta constantemente buscada, inatingível, de maneira acabada, à compreensão do homem. Aliás, trata-se de um mesmo pensamento que se pode ter em relação a outras coisas, em especial às corporais, que não são alcançadas unicamente pelo processo de sentir e distinguir as sensações, mas pelo espírito. Desse modo, quanto às

verdades da religião, que, em suma, mostram-se como acesso à verdade suprema, somente pela fé seria possível alcançá-las.

Existe em nós uma defesa que é própria do ser humano quando experimentamos coisas que nos fazem mal. Por exemplo, adquirimos o receio e a defesa de contato com outras experiências, supondo que também possam ocasionar em nós mal semelhante ao ocorrido antes; criamos uma proteção a fim de nos defendermos. Assim é em relação às coisas da fé, ante às quais Agostinho também sentia resistir, sem se deixar preencher pelo chamado que indiretamente escutava pelos caminhos da vida. Assim ele se expressa nas “Confissões”:

[...] assim me sucedia quanto à saúde de minha alma que, não podendo sarar senão pela fé, recusava-se a sarar por temor de crer, novamente, em falsidades. Minha alma resistia às tuas mãos, ó meu Deus, que preparaste o remédio da fé, e o derramaste sobre as enfermidades da terra, dando-lhe tanta autoridade e eficácia (AGOSTINHO, Confissões, VI, 4).

Agostinho estava empenhado a dedicar-se com todos os seus esforços à leitura bíblica, que, no princípio, considerou como algo extremamente simples, mas também capaz de nos levar a envolver com algo que é impenetrável à nossa consciência; um conteúdo que guarda um sigilo que não podemos desvendar. Naquela época Agostinho fazia uma leitura equivocada da bíblia, achando que não tinha tanto valor quanto falavam. Para ele, como denotam as páginas das “Confissões”, aquele texto não poderia, jamais, se assemelhar à “majestade de Cícero”, por exemplo. Sua vaidade era grande demais para compreender tamanha era a natureza dos escritos bíblicos. A Bíblia fora inspirada e escrita para conduzir o desenvolvimento dos mais modestos e humildes, e Agostinho se achava longe dessa condição (cf. AGOSTINHO, Confissões, III, 9).

Houve um tempo que as pessoas se encantavam por Agostinho, com seu jeito eloquente de ser, e, por outras vezes, era Agostinho que se sentia fascinado em meio à chama de vários tipos de desejo que o cegaram e ludibriaram. Houve momentos em que Agostinho vivia numa realidade espiritual tão irrelevante que nem poderia ser considerada uma religião. Algo de menor valor do que uma verdadeira doutrina a ser seguida, pelo que chamá-lo de religião seria um desrespeito com a verdadeira doutrina. Agostinho tinha muitas desonras das quais não se orgulhava e tinha profunda vergonha de alguns de seus atos, cujas memórias permaneciam em sua mente ao escrever as “Confissões”.. Era convicto que muito de sua experiência

apenas levaram a ilusões e fantasias, a ele próprio ou aos que amigos que faziam parte da sua convivência. Justamente por isso pedia a Deus que nunca o deixasse esquecer os erros cometidos, talvez para não tornar a cometê-los (AGOSTINHO, Confissões, IV, 1).

“Que loucura não saber amar os homens como eles são! Tolo de quem não sabe suportar a condição humana, assim eram meus sentimentos” (AGOSTINHO, Confissões, IV, 7). E justamente as vivências desses sentimentos o transtornavam e impediam de achar o equilíbrio e a serenidade de que necessitava. A vida de Agostinho seguia no mesmo fluxo que cotidianamente experimentava os afazeres, mas também nos estudos e nas leituras, que exigiam certa concentração. Nada trazia alívio para Agostinho, que se consumia e não sentia prazer em nada e, por vezes, tinha a sensação de Deus não ser algo concreto. Ainda assim tentava elevar a sua alma, mas o seu deus naquele instante era algo abstrato. Quanto mais tentava esquecer as imperfeições que vivera, mais cansavam a sua mente e o seu coração. E quanto mais tentava descansar seus pensamentos, mais atordoado ficava, porque ele e a melancolia era uma só, a tristeza vivia nele e eles eram parte do mesmo ser. Era difícil sair daquele estado: como escapar dele se a dor e Agostinho eram uma só coisa? Agostinho, então, naquela confusão mental e emocional, em meio a uma crise existencial, resolveu sair de Tangaste rumo a Cartago, a fim de encontrar um pouco de paz. Tinha a ilusão de que mudando de lugar as coisas também mudariam, os sentimentos seriam outros. Ocorre que, para onde vamos, os nossos problemas e sentimentos nos acompanham (AGOSTINHO, Confissões, IV, 12).

Depois de um período de tempestade emocional, enfim Agostinho pôde experimentar a calma, já que a vida seguia seu curso e o tempo continuava no seu percurso normal. Renascia em Agostinho o gosto pelas antigas diversões, que preenchiam os espaços, tomado pelas vivências de confusão de sentimentos sentidas no corpo e na alma. Conseguira calmar por alguns instantes, mas como ele era um ser vulnerável, o desgostoso facilmente o tomava, se não pelo peso do passado ou pelas infelicidades que lhe ocorriam naquele momento. Seu maior consolo vinha da companhia dos seus amigos, com quem compartilhava o mesmo gosto pelos passatempos que distanciam a consciência do que está correto e não representam a verdade; que geralmente nos roubam o raciocínio lógico (cf. AGOSTINHO, Confissões, IV, 13).

Agostinho não deixava de pensar aonde poderia ir para descansar de suas dores. Para ele, àquela altura, somente nos braços do amor, só nele poderia descansar e ter alívio do peso dos erros cometidos no passado, ações erradas, mas que, na época, julgava ser correto (cf. AGOSTINHO, Confissões, IV, 16). Relembrando as diferentes passagens de sua história, admite momentos na sua vida em que não levava em consideração o que era certo ou não, mas se deleitava com coisas mundanas, feliz com elas e seguindo um caminho que o levava para situações que seriam difíceis de reverter, de voltar ao equilíbrio necessário. Nas suas conversas com seus amigos Agostinho sempre surgia com a questão se seria capaz de fazer o que não fosse belo, sendo “belo” aqui o que nos faz ter uma conexão com aquilo pelo que nutrimos algum afeto. Também no contato com a beleza há a exigência do equilíbrio e da harmonia. Assim, também os sentidos exteriores, orientados pela razão, buscam o que é melhor, o bom e o belo (cf. AGOSTINHO, Confissões, IV, 19).

Foi aí que, quando Agostinho deu início à reflexão sobre quanto apreço tinha pelo conhecimento, sentiu-se desconcertado, consciente do tempo que gastara em sua juventude com coisas sem importância. Já tinha no seu coração que já era hora de deixar tudo que não o edificava e ir em busca da verdade, já que a realidade que vivia naquele momento estava longe de o ser. Essa passagem de vida, não o marcaria somente em termos da recusa do caminho tortuoso dos prazeres mundanos, mas também o orientaria à consolidação de uma vida de equilíbrios que pode ser tomada como condição para a sua filosofia. A filosofia que aqui intuímos apontar para a justa medida entre fé e razão.

2.2 A CAMINHO DA VERDADE: A CIÊNCIA E A FÉ DIVINAS

Nos anos vindouros, por volta dos seus 30 anos, Agostinho se preocupava que apesar do seu avanço ainda se sentia, de certa forma, preso às vaidades e à tentação de se deleitar com aquilo que lhe era proposto pelas situações em que vivia. Tudo aquilo que o iludia e desviava da verdade. Deparava-se com uma dualidade dentro de si, pelo gosto das coisas do mundo e pelo sentimento que possuía em seu íntimo: um desejo ir ao encontro da sabedoria e se deparar com a ela. Tendo como base tudo que lhe fora ensinado no início da sua vida, mesmo que ele não tivesse levado em consideração, tanto que passou por outras experiências, ainda assim o que lhe fora ensinado sobre a verdade ficou marcado em si, como um resquício que mais

tarde o faria ir ao encontro da verdade. Não tinha, porém, ideia de como proceder para encontrá-la, em quais escritos buscá-la. Eis, no entanto, que surge uma luz: a confiança que vinha da Igreja Católica. Essa confiança, que lhe fora transmitida quando ainda era menino, mas que ele guardava no cantinho do seu coração, se desperta (AGOSTINHO, Confissões, VI, 18-20).

No tópico nomeado “a ciência e a fé divina”, contido no nas “Confissões”, Agostinho, apresenta seu percurso de curiosidade ao longo dos anos pregressos, com particular acento sobre a necessidade de conhecer e entender a ciência ligada à fé. Destaca, outrossim, o quanto é difícil que se possa adentrar nos mistérios mais profundos sobre Deus, sobretudo quando se anda por caminhos tortuosos, indo para mais longe e não para mais perto de Deus. Agostinho pede a Deus que o restaure para que consiga ver o esplendor proporcionado pela Sua presença. Sabe, no íntimo do seu ser, que não há nada que se compare à grandeza de Deus, que é o artífice desse mundo, e aquele que institui as almas incessantes: “Como Tu és sublime e todos que têm coração humilde são da tua família. De fato, ergues os abatidos e não caem aqueles de quem és a elevação” (AGOSTINHO, Confissões, XI, 41).

Desde uma perspectiva de conciliação entre a ciência e a fé divina, Agostinho, sempre questionador, indaga a Deus acerca do conhecimento de tudo que Ele criou. A ciência como forma de descobrir as verdades espalhadas pela Verdade na criação; a fé, como forma de aceder a essa verdade revelada. Com esse bem maior, a verdade e a felicidade de Deus, não há o que se comparar: nem a riqueza do maior rico, nem a sabedoria do mais sábio, nem a saúde do mais são. Completa Agostinho: “Seria loucura duvidar de que está em melhor situação do que aquele que sabe medir os céus, contar as estrelas e pesar os elementos, e, no entanto, despreza a ti que tudo dispuseste com medida, quantidade e peso” (AGOSTINHO, Confissões, V, 7).

Agostinho relembra sua imatura juventude devastada de costumes desregrados, nos quais se contaminava e deixava desvirtuar, corrompendo-se com coisas que não eram verdade. De acordo com o seu pensamento, ainda era impossível haver uma explicação que fosse racional a respeito da existência de Deus, algo que não pudesse contemplar com seus olhos. E quanto mais a idade ia chegando, ainda assim não deixava para traz aquilo que era ilusório e sem um fundamento real para vida, nem sequer imaginar uma essência que não pudesse vislumbrar. Para Agostinho era indemissível a presença de Deus em forma de um homem. Para ele, tudo não passava de um mero conforto oferecido pela Igreja

Católica aos seus membros. Ao menos esse era o sentimento e a convicção que sempre esteve no seu íntimo, aquilo que já fazia parte das ideias que possuía, aquela força natural que fazia parte de seus pensamentos mais profundos e contra os quais lutava bravamente. A respeito das lembranças dos atos que praticara no passado, Agostinho “desejava de uma vez por toda bani-los da minha vida, mas tais imagens do passado persistiam em fazer morada na minha mente, impedindo-me de poder enxergar a mim mesmo” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 1).

Pouco a pouco Agostinho vê o tamanho da descoberta de Deus, e, pouco a pouco, passa a enxergar a Deus e a se alegrar e se orgulhar de ter conseguido chegar a esse ponto. Ainda assim ele não tinha perseverança no seu deleite com Deus. Ao mesmo tempo em que estava agraciado com a presença de Deus, também era seduzido pela sua antiga fase, o que o fazia se distanciar do Deus, por consequência das culpas que carregava dos erros e vícios passados. Em seus pensamentos, porém, sempre permanecia a certeza da existência e da presença de Deus em sua vida; ainda que momentos circunstantes parecessem tentar afastá-lo do Senhor, pois ele mesmo se confessava como um ser fraco. Um dos primeiros caminhos de constatação da presença/existência de Deus em sua vida fora a observação da criação. Tudo que a encerra, a terra em sua beleza e perfeição, teria origem divina. Para isso, Agostinho começa a questionar sua origem, buscar seu fundamento. Para além do mundo da fruição e das mudanças, considera a existência de uma realidade verdadeira, autêntica, disponível à mensuração da eternidade e com traços que poderiam ser identificados em seu próprio ser: “[...] deixando para traz algumas das ideias e reflexões presentes no meu ser, já conseguia distinguir qual a possibilidade de discernimento havia na minha inteligência ao afirmar o quanto o imutável é melhor que o mutável e só era possível observar com os olhos da fé tudo o que criaste, terreno ou divino” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 17). Eis expressos os vestígios de um itinerário de buscas que o conduziram da exterioridade para a interioridade, da contingência do mundo para a necessidade – e, por isso, estabilidade e perfeição – do criador, Deus.

2.3 DA RAZÃO À FÉ VERDADEIRA NAS “CONFISSÕES”

Agostinho sente em sua alma uma grande batalha, que se dá consigo próprio. Algo tão violento que transfigurava sua face. Questionou com seu parceiro de sempre

de onde viria tanta agonia, que o sufocava, procurando por um outro espaço, que ainda vivia dentro de um turbilhão de pensamentos. Nesse momento estava totalmente com imerso em pensamentos, tão grande era a sua aflição; até a entonação das palavras que pronunciava deixava mais claro aquele momento de transtorno pelo qual passava. Esse momento de conflito era tão seu que não existiria quem pudesse lhe dar um bálsamo para o aliviar: “Eu estava consciente do meu mal, sem saber do bem que viria” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 19). Ainda com a presença do seu amigo Alípio sempre do seu lado, sentia-se completamente só: “Perturbado, estremecia de fúria contra mim mesmo por não ser capaz de atirar e me abandonar nos teus braços Senhor. Não existia nenhum recurso para chegar até Ti se não a minha própria vontade, minha ação consciente de querer estar contigo” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 19).

A leitura do evangelho de João sobre a palavra criadora de Deus veio, porém, a se tornar realidade entre nós. Mas Agostinho ainda não compreendia que esse verbo se tratava de Deus Filho, já que para ele Jesus ainda era tido como um homem comum, mesmo que de uma inteligência impossível de se comparar com qualquer outra pessoa. Agostinho ainda não podia imaginar a magnitude da pessoa desse verbo. Estava impossibilitado, por suas próprias condições de inacessibilidade, de chegar à sua compressão. Sendo para ele algo impenetrável aos sentidos, seu conhecimento sobre Jesus era apenas o relato que constava na Bíblia, pelo que considerava suas atitudes iguais às de homens comuns, apenas com mais inteligência em relação às coisas celestes – para ele, aquela carne tinha sido unida ao Verbo pela alma e pela inteligência humana. Mas tudo isso só era possível de ser distinguido de Deus como perfeito desde sempre e para sempre, e o mesmo em magnitude e verdade.

Acerca dessa imutabilidade, Agostinho tinha conhecimento do quanto lhe era possível compreender, sempre com a certeza plena e absoluta das verdades, sem jamais questionar a veracidade desse fato. Mas se o que escreveram sobre Jesus fosse mentira, todos os outros escritos que relatavam o que era divino também seriam inverdades e não constaria nada que conduzisse à vida eterna através da fé; não existiria nenhuma promessa dada por Deus para a nossa salvação. Agostinho identificava Cristo como sendo um homem cuja existência era verdadeiramente composta por todas as características pertencentes ao ser humano: “Que eu julgava superior aos restantes não porque fosse a verdade em pessoa, mas em virtude da

singular existência da sua natureza humana e de uma participação mais perfeita na sabedoria” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 25). Seu companheiro, Alípio, possuía um pensamento diferente. Acreditava que aqueles que aderiram à fé católica tinham confiança em um Deus de forma corpórea, mas que não possuía uma alma racional. Porém, diz ele: “[...] mais meu amigo se conscientizou que esse era um pensamento pertencente aos hereges e abraçou a fé católica, até que a heresia teve um ponto positivo, com ela foi possível identificar os que realmente possuíam a fé verdadeira daqueles que eram vulneráveis às falsas crenças” (AGOSTINHO, Confissões, VII, 25).

Agostinho relata que depois que, após ter tido contato com as obras de Platão ficou entusiasmado com a ideia de ir ao encontro da verdade incorpórea, enxergando os traços de Deus em suas criaturas. Então, com muito sacrifício, percebe qual seria a verdade, aquela para a qual não fazia sentido quando ainda estava em meio às trevas que vendavam seus olhos para a pura verdade (cf. AGOSTINHO, Confissões, VII, 26). Agostinho tinha a certeza da existência de Deus e de sua eternidade e que tudo aquilo que vem de Deus constituía uma sua particular maneira de mostrar, de forma evidente e explícita, a sua existência. Àquela altura já tinha consciência de tudo isso, porém ainda possuía limitações que o impediam de desfrutar da existência de Deus. Só quando suas mágoas foram acalmadas pôde, de fato, ir ao encontro do Senhor, que se apresentava como meta de sua vida, como a verdade buscada pelo caminho da fé e da constância na fé.

Ao ouvir a fala de Ponciano, que com grande eloquência expunha suas ideias e ainda com espiração divina, Agostinho pôs-se a realizar uma análise da sua própria existência, fingia não se lembrar de atos indignos que cometeu e, com ajuda de Deus, teve a possibilidade de fazer uma profunda reflexão das suas mazelas, enxergando em si tudo o que cometeu e era indigno. Isso o angustiava, pelo que e pensava o que fazer para se afastar dessa aflição que o consumia, pois tudo isso era parte inseparável dele próprio (cf. AGOSTINHO, Confissões, VII, 16).

Mais que o normal, Agostinho padecia pelas lembranças trazidas por atos cometidos, os quais sabia não ser o correto e dos quais tentava desvincular suas lembranças. Quanto mais tentava se livrar de tais lembranças, porém, mais sentia-se cativo das recordações dos seus malfeitos. E quanto mais tentava esquecer, mais vivos permaneciam na memória tais atos indignos. Sentindo que Deus tinha por ele um ato compassivo, de perdão, Agostinho mostrava-se ainda mais envergonhado, por tamanho amor que Deus tinha por ele (cf. AGOSTINHO, Confissões, VII, 25-26) – tal

como é relatado no evangelho de Lucas, capítulo 15, na parábola do Pai Misericordioso. Agostinho, por outro lado, também era incitado por Deus a não tomar nenhuma atitude que o levasse a cair em tentação e em corrupção, apesar, então, sentir-se próximo de Deus.

Em suas palavras: “[...] quanto mais se aproximam os momentos de me transformar em outro homem, maior era o medo que me invadia. Esse temor não me impelia para trás, nem mesmo me descaminhava, me deixava, porém, na indecisão” (AGOSTINHO, Confissões, VIII, 25). Como dito, o filósofo ainda se sentia dominado por pensamentos fúteis. Sentia um constrangimento de ainda ser capaz de ouvir aquilo que nada o edificava, mas, ao contrário, só o colocava em situação mais mesquinha. Ao mesmo tempo, no entanto, ouvia uma voz que o aconselhava a não dar créditos àquilo que vinha do seu pensamento e que era impróprio, referente à matéria e que, por isso, impediria sua evolução espiritual. Agostinho relembra e confessava seus erros e culpas, mas, ainda assim, não cessaria a sua dor, a dor dos seus arrependimentos. De nada adiantara todo seu movimento se só dava margem aos especuladores, que não olhavam para suas próprias vidas, mas sempre se preocupavam com os erros alheios (cf. AGOSTINHO, Confissões, VIII, 25).

As palavras do filósofo dão o tom do que aqui estamos recordando: “Eu não tinha como provar que tudo que dizia era verdade, somente acreditavam aqueles que tinham uma boa disposição em ouvir, com coração aberto, e relatando minhas atitudes errôneas, cometidas no decorrer da vida, e eu pedia: ‘Transforma-me a alma pela fé e pelo teu sacramento’” (AGOSTINHO, Confissões, VIII, 26). Todo aquele que tem a compreensão de que deve admitir seus erros e acolher toda benevolência com que Deus o envolve, renunciando as culpas passadas, que já não mais existem, é capaz de dar o passo da fé. Que não implica abandono da possibilidade do conhecimento, mas uma sua radicalização. Porque o perdão de Deus é por inteiro. Agostinho sentia-se guiado por uma voz, que lhe recomendava moderação, temperança e a capacidade de tapar os ouvidos para tudo que pretendia seduzi-lo, tudo o que era contrário aos preceitos do Senhor: “Realizava-se essa disputa no íntimo do meu espírito; tratava-se de mim contra mim mesmo” (AGOSTINHO, Confissões, VIII, 26).

Agostinho questiona a Deus sobre o que Ele espera e pretende ao ouvir os relatos de seus atos, decorrentes de sua vida. Pretende, com a construção dessa intimidade, curar as mazelas, através do amor de Deus. Pretende, outrossim, enfrentar o novo momento de sua existência desde a perspectiva da fé, que o habilita

ao confronto com o inesperado. Agostinho sabe que Deus sempre estará do seu lado e jamais o abandonará. Que irá restaurá-lo e torná-lo digno de seu amor misericordioso. Após todo o seu esforço, Agostinho ganha a compensação por sua predisposição em dividir os erros de sua vida. Talvez no intuito de que os outros não cometessem os mesmos erros que ele, a elaboração de seu relato foi repleta de angústias. Ao contrário de desarmá-lo, justamente isso assegurou-lhe uma fé inabalável em Deus e uma confiança em todos os homens que possuem uma convicção sobre a sua doutrina: “Aqueles que caminham em busca de algo divino assim como eu, e compartilham do mesmo pensamento e se aproximaram de mim pela fé trazida no coração, de que todos nós formamos, como membros, uma só família onde Deus é pai de todos” (AGOSTINHO, Confissões, X, 5-6).

Agostinho relata que Deus sempre fez parte dos seus pensamentos, antes mesmo que tivesse consciência desse encontro de fato. Ao seu lado sempre esteve, embora com sua falta de atenção não fosse capaz de percebê-lo: “[...] ao meu lado sempre esteve aqui comigo e eu nem sempre fazia companhia para Ele, mas depois que me libertou da minha insensatez, e quando pude sentir a essência que emana de ti, me apaixonei por ti” (AGOSTINHO, Confissões, X, 37). E continua, um pouco adiante: “Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste e agora estou ardendo no desejo de tua paz” (AGOSTINHO, Confissões, X, 38). Esse é, portanto, o movimento da fé que compele o fiel em direção a Deus, seu criador, e o habilita ao enfrentamento das mazelas da existência. Fé, portanto, que deve ser realçada como um dos ingredientes fundamentais da constituição humana. Esse capítulo se encarregou de, a par de uma descrição da vida de Agostinho, baseada em suas próprias confissões, fazer realçar esse aspecto, convidando-nos à reflexão sobre o tema e, de algum modo, antecipando o que será desenvolvido no próximo capítulo com base nalguns fragmentos escolhidos de “A verdadeira religião”, um texto já da maturidade do autor.

3 FÉ E RAZÃO EM A VERDADEIRA RELIGIÃO

*A verdadeira fé é aquela que se manifesta por meio de um compromisso com a vida.
A verdade só Deus sabe
(BERGOGLIO, 2013, p. 17).*

A conexão entre fé e razão certamente esteve entre os temas de grande relevância para o pensamento de Agostinho, assunto de suma importância, tratado nos dois primeiros capítulos desse estudo e permanecendo presentes neste, embora aqui concentrando-nos na abordagem a partir do livro “A verdadeira religião”. Tal se realiza em relação a temas como como verdade, o papel da Igreja, da religião e da revelação. Quando se aceita a revelação que é dada através da fé e o início de uma conduta que proporciona o pensar em Deus, então surge a capacidade do intelecto que descobre que só através da inspiração divina é possível chegar ao conhecimento.

3.1 PRESSUPOSTOS PARA A VERDADE DA FÉ E DA RAZÃO

Agostinho foi um homem que viveu intensamente em busca da verdade, até que obteve a revelação do que buscava para encontrar essa verdade. Uma verdade que só seria possível através do pensamento voltado para Deus, em uma conexão de intimidade. A religião católica, para Agostinho, era a religião que trazia ao homem a maior possibilidade de verdade e da proximidade a Deus, e, a igreja, seria aquela que acolhe todos os que desejam seguir a Deus, que é a própria verdade. Ainda sobre a relação entre verdade revelada, isto é, fé, e conhecimento, podemos ler as seguintes palavras do comentador:

[...] uma coisa é partir de um dado revelado para definir ou deduzir racionalmente o conteúdo, como faz o teólogo; outra é partir do mesmo dado revelado, como faz o agostiniano quando filosofa, para ver se e em que medida seu conteúdo coincide com o da razão. [...] o que caracteriza o método agostiniano como tal é a recusa de sistematicamente cegar a razão fechando os olhos ao que a fé mostra, donde o ideal correlativo de uma *filosofia cristã* que seja filosofia verdadeira enquanto cristã porque, ao deixar a cada conhecimento sua ordem própria, o filósofo cristão considera a revelação como uma fonte de luzes para a razão (GILSON, 2007, p. 459-460).

A primeira ação que se deve ter para chegar a Deus é o consentimento da concepção de que a revelação só é possível através da fé. Para Agostinho, que por tempo acreditou que a procura da verdade só era possível pela via da razão, quando fazia parte dos maniqueístas, e passou por um grande período tenebroso, obscuro onde não conseguia enxergar a verdade que era sua busca incessante, fé e razão se relacionam mutuamente. Nesse sentido, o filósofo compreendeu sua inclinação em busca da verdade, que por si apenas sua razão não poderia alcançar (GILSON, 2007, p. 62). Mais que isso, para ele, “Crer (ter fé) é um ato do pensamento tão necessário que sem ele é impossível conceber a vida. [...] Um grande número de nossas opiniões funda-se unicamente no assentimento ou no testemunho de alguém” (CUNHA, 2012, p. 419).

Para Silva (2009, p. 5), a “inteligência prepara a fé, depois a fé dirige e ilumina a inteligência. Finalmente a fé, iluminada pela inteligência conduz ao amor. Desta forma, vai do entendimento para a fé e da fé para o conhecimento e o amor”. As criaturas de Deus são as únicas que possuem fé. Na verdade, não toda a criação, mas o ser humano, já que a fé é uma característica eminentemente humana, e isso justamente porque o ser humano é o único ser criado que possui razão. Nesse sentido, também é o único capaz de compreender a doutrina exposta por Agostinho da revelação dada por Deus. Os três primeiros lances importantes para o desenvolvimento da fé são, então: “a preparação da fé pela razão, o ato de fé, a compreensão do conteúdo da fé” (GILSON, 2007, p. 64).

Os cristãos católicos têm como dever, segundo Agostinho, preservar a plenitude da Igreja, e se preocupar com aqueles que fazem parte de outro tipo de corrente religiosa. Ainda assim, quem quiser se servir dos sacramentos sem ter a noção do verdadeiro sentido, deve ser afastado dos cultos da Igreja Católica e não terem o direito aos rituais sagrados e nem o direito de viver em comunhão católica, já que preferem continuar a viver em suas imperfeições do que corrigir seus erros. Não só pelo fato de possuírem seus princípios, mas pelas suas superstições, devem permanecer conhecidos pelos títulos relativos às correntes de que fazem parte. Outro ponto refere-se àqueles que espalham inquietações infundadas: “A eira do senhor poderia suportar as palhas até o tempo da última peneirada (Mt, 3,12) se eles não tivessem cedido com excessiva leveza ao vento da soberba, separando se voluntariamente de nós” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 9). O homem possui um pensar, uma ação cuja característica é exclusiva dele, para se chegar à

compreensão que só é possível chegar através do uso do intelecto. Mas ocorre que a razão existe mesmo antes do intelecto e da crença, pelo que não dar a devida importância à razão seria o mesmo que desvalorizar a nossa própria pessoa, e os vestígios de Deus presentes em nós (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 32-34).

Cabe aos cristãos católicos cuidar com esmero da retidão da Igreja, cujo fundamento principal é Jesus, daqueles que são de correntes religiosas que utilizam-se dos sacramentos; não do modo como os cristãos os usam, como sinais visíveis da presença de Deus, mas pessoas de seitas que, ao invés de olhar suas iniquidades e tentar mudá-las, para serem dignas de tais sacramentos, continuam à margem de suas imperfeições. Essas deveriam ser suspensas da participação dos cultos da Igreja Católica e, inclusive, de receberem os sacramentos ministrados pela Igreja (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 32-34).

3.2 A LUZ DE CRISTO E O MAR DA VIDA

Conforme o pensamento de Agostinho, pode-se dizer que há “razões para crer; uma delas é ser razoável, não confiar apenas na razão. Outra, a fé, não é o fim de si mesma, mas deve conduzir à inteligência. A fé em si mesma também pode se extraviar. Ambos os termos indissociáveis no percurso rumo à verdade” (CUNHA, 2012, p. 421).

As características da razão demonstram o quanto é verdade que todos os seres existentes nesse mundo são dependentes inteiramente da vontade de Deus, por princípios definitivos e íntegros, de onde vem as “verdades nas quais primeiro acreditamos, fiando nos na autoridade” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 14). Mas, através da análise contemplativa, chega-se mais facilmente à nossa compreensão, isto é, aderimos a essas verdades pela consciência de que são possíveis e acessíveis, apresentadas a nós pela razão. Paralelamente, sentimos “muito por aqueles que não conseguiram alcançar essas verdades e ainda criticam a confiança que temos, mesmo que sejam demonstradas as verdades da fé, os dogmas” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 14). Princípios que são indiscutíveis da fé também são iluminados pela razão:

Aquela sacrossanta encarnação, o parto da virgem, a morte de Deus Filho por nós, a ressurreição dos mortos, a ascensão aos céus, o assentar-se à direita do Pai, remissão dos pecados, o juízo universal, a ressurreição da

carne, quando se tem o conhecimento da Trindade e das contingências das criaturas, não são consideradas como objeto de crença, mas percebemos sua relação com a misericórdia que Deus supremo manifestou para com gênero humano (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 14).

Além disso, na relação entre “fé e razão, a razão é prévia da racionalidade, todos os estágios do crer, até chegar ao exercício científico” (FREITAS, 1999, p. 255). Mas a razão, no processo de conhecimento, também está repleta de fé, de crença. Agostinho deixa claro que a religião cristã que devemos acolher e mantermo-nos em comunhão é a Igreja, a denominada católica, por ser universal. Isso a partir de uma de suas características mais importantes, como a autenticidade, a universalidade, a comunhão e o aspecto histórico, razões pelas quais, segundo o filósofo, abraçamos a Igreja Católica (AGOSTINHO, A verdadeira religião, VI, 19).

Para Agostinho, a verdade suprema coincide com Deus. Para encontrar e alcançar a Deus, tanto quanto a Verdade, não devemos nos dirigir para o exterior, mas entrar em nós mesmos e procurar em nossa interioridade dois pontos que ali habitam: a verdade em nossa alma, que é um reflexo e uma imagem de Deus, e a própria luz da razão (REALE, 2003, p. 106).

Ainda conforme o autor, mesmo antes de “a doutrina cristã” ter esse nome, ela já existia. Para Agostinho, em todos os tempos a religião cristã foi conhecida e seguida como caminho “certíssimo para a salvação”. É a Igreja que sempre esteve presente e pronta na cronologia da vida humana. Quando Jesus se fez homem, a religião já existente começou a ser chamada de cristã. Isso depois que Jesus passou sua vida aqui na terra, morreu e ressuscitou e voltou para a casa do Pai, então seus seguidores começaram a anunciar a fé nele, com a progressiva adesão por parte de muitos outros. E foi Antioquia o primeiro lugar que aqueles que tanto aprenderam com Jesus comeram a transmitir seus ensinamentos (AGOSTINHO, A verdadeira religião, VI, 19). Sobre isso, pode-se dizer que:

O conhecimento da verdade como sabedoria está ligado ao conceito de ideia. Construído por Platão que apropriado por Agostinho, foi fundamental para o aprofundamento da doutrina cristã nos rigores da racionalidade e a busca da ciência, da essência. Por essa razão que quando pensamos daquilo o que é, o que pode ser verdadeiramente racional e cognoscível, isso torna a religião cristã força e expressão da intelectualidade e serviço da fé (SILVA, 2009, p. 6).

Se podemos chegar à salvação também pela via da razão, vejamos até que ponto a razão pode chegar na escala que leva ao que se pode alcançar e, ao mesmo

tempo, o que permanece oculto. A razão da a possibilidade de haver uma ação de admiração de toda a criação, com sua organização perfeita de todos os elementos da natureza. Tal mistério, feito por Deus, que se tornou realidade, e nos dá a oportunidade de aperfeiçoar a contemplação autêntica do que é indestrutível e constante para sempre (AGOSTINHO, A verdadeira religião, IV, 52).

A convicção da existência da fé é fundamental para que se possa imaginar a vida sendo criado. “Se a alma racional julga conforme suas próprias normas, não haverá nenhuma natureza que lhe seja superior” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, IV, 54). Mas identificamos e compreendemos que ela é mutável, porque há momentos em que demonstra ser sábia e outros em que desconhece sua própria capacidade de compreensão (AGOSTINHO, A verdadeira religião, IV, 54). Para um dos comentadores que utilizamos nesta pesquisa:

Agostinho buscou em Platão as raízes de suas ideias para a interpretação da salvação em Deus. Como é sabido, o tema da razão e da sua busca pela verdade através da razão fundamental em Platão, mas que em Agostinho há uma apropriação singular e altamente inovadora de Platão. Ele coloca a razão não como base a chegar a verdade, mas como algo auxiliar, porém indispensável, sendo a base da fé antes de tudo (BATISTA, [20--], p. 94).

Para Agostinho, nunca foi possível abordar o tema da revelação de forma disciplinar e em um caráter em que se fala apenas de uma unidade. Esse foi um dos assuntos em que Agostinho colocou toda a sua concentração, pausada de uma certa dose de cautela. Tendo um interesse maior por defender a fé cristã a partir da veracidade bíblica e da fé em Jesus Cristo, Agostinho fala de racionalismo proposto pelos maniqueístas, que mais procurava demonstrar sua magnitude que, de fato, o limite das práticas pagãs. A pouco tempo desde que havia passado pelo processo de aderir à fé cristã, Agostinho já possuía a certeza da necessidade de defender a dose importante de razão que a fé devia possuir, e a confiança incorrupta da revelação cristã. Uma das grandes preocupações de Agostinho foi ter sempre uma visão teológica e antropológica da revelação cristã, a certeza de que Deus é sempre absoluto, perfeito, não podendo passar a ser melhor, porque já possui a perfeição de proporção unitária quando se refere a Deus (DICIONÁRIO DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL, 1994, p. 37).

Outro importante aspecto a ser considerado é que:

A doutrina da iluminação representa o núcleo central no qual se cruzam os mais diversos problemas relacionados à teoria do conhecimento agostiniano. Para Agostinho, as verdades eternas são imutáveis e têm sede de Deus que é a suma verdade; conhecemos as verdades mediante um ato de interiorização na qual a razão toma consciência da presença de Deus. Em virtude dessa presença a verdade dá-se a conhecer mediante a recordação que lhe dá acesso à infinidade de Deus (BATISTA, [20—], p. 106).

Quando se fala em fé e razão, verdade e outros temas que geram polêmicas, Agostinho chega à conclusão que contemplava o grande triunfo que se pode usar para obter êxito diante daquilo que nos dá prazer, naquele caso relacionado a outros prazeres que em nada edificam o homem. Já “Platão identifica a virtude com o conhecimento e o bem com a verdade” (AGOSTINHO, *A verdadeira religião*, notas complementares, 79). Na visão cristã que Agostinho tem, tudo passa pela disposição que ele tem de ver o absoluto, que mediou o verbo dando auto-clareza à razão e conduzindo com maior forma a recuperação de cada ser humano de seu declínio (AGOSTINHO, *A verdadeira religião*, notas complementares, 79).

3.3 O *DISERCERNIMENTO* NECESSÁRIO AO CAMINHO DA VERDADE

Existe uma desavença entres os homens e deve-se lembrar que nem todos têm a mesma maneira de prestar suas orações, de rezar a Deus, que é o mesmo e único, mas existem as divergências entre aqueles que viveram anteriormente. A nós para que fosse possível se exaltarem ao nível da fé “das coisas eternas e temporais” devemos ser conduzidos pelos fatos que não podem ser explicados racionalmente, os que somente seria possível acontecer pela fé, já que não são perceptíveis aos nossos olhos. Assim, sem a necessidade de milagres como se fizera em outros tempos, a Igreja Católica orienta-se também pela razão, em articulação com a fé, para que não haja a necessidade de que as coisas sejam notórias, visíveis, mas que a nossa confiança em Deus, que vem pela fé que brota que do coração, também possa justificar-se desde caminhos compreensíveis, capazes de levar as pessoas a segui-los.

Precisamos ter o discernimento que merece, de fato, a nossa crença, a quem devemos prestar culto, tendo a capacidade de refletir sobre as coisas do alto, numa condição humana que nos pode levar à libertação das impurezas que mancham nosso ser, uma alma que nos leva à verdade, explicitada sem dúvidas (AGOSTINHO, *A verdadeira religião*, IV, 47). Para Batista (, [20--], p. 98), “[...] crer é submeter a razão

a uma autoridade. Mas isto em nada invalida a razão humana, posto que seja a condição mesma do assentimento, da crença, sendo o homem o único animal capaz de crença por ser o único dotado de razão”.

Há uma incapacidade de colocar Deus paralelamente ao sentimento do bem querer referente à fortuna e às informações científicas, pois Ele é composto de todas essas coisas, sem perder sua individualidade. Apenas Deus é perfeito, e o desejo íntimo do homem é de que possa encontrar esse ser incondicional, onde possa descansar sua vida. Se disso não se cuidar, corre-se o risco de perder a possibilidade dessa união; ela pode se perder em meio aos impulsos por coisas vans. Como diz Agostinho, “no Antigo Testamento se chama Sabedoria aquela confiança última que sustenta tudo o que é mais forte que a morte. Quem tem a sabedoria consegue dispor outros bens. Essa sabedoria discernimos como Deus” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, V, 52).

Como declara Insulza (1995, p. 63), a “luz da verdade vai alumiando os recônditos de nossas convicções e certezas. A honestidade intelectual de Agostinho o leva a revisar os pontos de apoio e sua vida. São a fé e o pensamento – o espírito – expostos à luz da Palavra de Deus”. Tudo aquilo que carrega toda plenitude, seja ela obra das mãos dos homens ou manifestação de tudo que é manifestação da natureza, não pode jamais compensar o encanto, exceto tempo e lugar. Assim, a “relação entre fé e razão é intrínseca e endógena. A existência de uma realiza-se na outra, numa relação recíproca de modo que pela fé atingimos razão e pela razão iluminamos a fé. Assim é necessário crer como primeiro passo para o entendimento” (SILVA, 2009, p. 6).

A religião cristã pode ser amparada de várias de formas. Sejam aqueles que a contestam, sejam os crentes, Deus dá a possibilidade a todos que a buscam vivenciar. Deus expressa a verdade espontaneamente, por si só, a todo que em seu coração tem o desejo de fazer parte dela. Deus acolhe os pensamentos que se inclinam com consideração e atenção. Assim Deus vem em favor de tais pessoas que se dedicam dando a eles o auxílio necessário (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 20). Pode-se dizer, nesse sentido, que a Igreja Católica é a progenitora daqueles que aderiram à fé em Cristo. Só a Igreja é capaz de nos colocar no lugar mais alto das criaturas, em uma existência plena que vai além dessa com uma conexão íntima junto aos louvores a Deus, algo incomparável. Declara-se, assim, todo afeto e carinho que tem pelos homens, dando alívio às dores instaladas na alma causada pelos pecados

cometidos. Diz Agostinho: “A verdadeira esposa do verdadeiro Cristo! Guarde-te muito já o fazes... Não te deixes enganar pela palavra verdade. Só tu a possuis” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, conclusão, 9). Para Silva (2009, p. 4), “A Igreja Católica produziu uma filosofia com a preocupação de demonstrar e sistematizar a fé. Realizou esse esforço para tornar os fundamentos cristãos aceitos não apenas pela revelação, mas por sua racionalidade”.

Na carência dos sinais da graça instituídos por Cristo, a Igreja baseia-se na condição do espírito, que está conectado à matéria. Os sacramentos, da mesma forma que são corpóreos, detêm uma dimensão incorpórea. Através da manifestação das sensibilidades que afetam, as dádivas supremas que não são visíveis aos nossos olhos tornam-se presentes. Quando Agostinho fala sobre os sacramentos, nem sempre tem a definição que somos habituados a ouvir e a praticar. Inclui toda a impenetrabilidade que existe sobre a fé, como, por exemplo a passagem bíblica de Êxodo 14, que narra a travessia dos israelitas pelo Mar Vermelho. No íntimo de uma magnitude perfeita, o cristianismo permanece com certos aspectos com a mesma concepção da formação da religião judaica, um povo com determinada mistura de preceitos morais, como povo nascido da lei do amor que possui a economia sacramental que serve de relação entre o sagrado e os homens.

3.4 A VERDADE DA CRIAÇÃO APONTA PARA DEUS

Pelo desejo de Deus de salvar a humanidade, a ação de Deus por meio dos sacramentos, cada sacramento opera uma graça especial na vida daqueles que buscam esses sinais de Deus que os unem. Agostinho deixa bem claro a importância dos sacramentos para que homens se unam, sendo um só povo em vivência que se preocupa mais com as coisas que vêm do alto do que das coisas terrestres. O sacramento tem como finalidade existente fazer com que o homem esteja sempre com vínculo indissolúvel no exercício onde possa professar a fé (AGOSTINHO, A verdadeira religião, notas completares, 33). Como lembra Agostinho noutra passagem: “Tudo que conheceres como verdadeiro, conservar e atribuir à Igreja Católica; - o falso deixar, é (perdoa-me a mim que sou homem) o duvidoso admiti-lo, até que a reflexão te esclarecer ou a autoridade te ensinar, quer rejeitar, quer reconhecer a evidência, ou seja ainda, a perseverar naquilo que deve ser acreditado” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, I, 20).

Se as palavras proferidas nos dias atuais, a todos que ouvem independente da localidade que estejam, a escutam e a acolhem com respeito e contentamento, fatos é porque de fato esses relatos são verídicos. E, se depois de muito sofrimento e de tanto sangue espalhado, de tantos sofrimentos daqueles que morreram pelo ideal da Igreja, ela ainda teve um crescimento significativo em muitos lugares desse mundo, os santos mistérios cristãos são proclamados a todos que aderiram a essa fé. Se tantas jovens e rapazes sentiram no seu coração o desejo de deixar os propósitos dados aos jovens e abandonaram tudo com intuito de entregar a sua vida a Deus e a seus projetos, deixar que seus corações e mentes sejam todos tomados pela verdade, também é mais uma prova de que se trata de um propósito verdadeiro, de uma verdade, interiormente inserida no coração dos seres humanos (AGOSTINHO, A verdadeira religião, prologo, 5).

As decisões de Deus vêm com a preocupação com homem enquanto humanidade e não apenas como um ser único. Mas ainda assim Deus sabe o que acontece com cada um “o que foi ao gênero humano, ele quis nos manifestar pela história e pela profecia. Os acontecimentos temporais – passados ou futuros – são mais para serem criados que entendidos” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, IV, 46). Cabe a nós observar quais as leituras que os homens fazem e quais são as coisas em que realmente acreditam. Se a crença deles parte de regiões que apresentam vários deuses a quem se pode prestar culto, ou que apresenta um só Deus, a nossa opção deve ser pela verdade do que se lê, e certifica que existe apenas um Deus, que Ele é o sumo bem. Somente a ele deve se prestar adoração, e se a verdade não refletir em si claramente, cabe a nós que vamos a procurar em lugar que a verdade se faça existir (AGOSTINHO, A verdadeira religião, IV, 46). Nos termos do filósofo:

Se nas ciências da natureza, a autoridade de um homem sintetiza tudo em único princípio, tem peso maior – se a multidão de gênero humano há poder senão no consenso, isto é na unidade do sentir, assim também, em matéria religiosa, e mais aceitável que é digna de fé à autoridade daqueles que apelam pela autoridade do Uno (AGOSTINHO, A verdadeira religião, IV, 46).

Quanto mais nos afeiçoamos a Deus, quanto mais nos apreciamos de estar em sua presença, que é a verdade mais agradável e quem, de fato teve a graça de sentir tão sublime presença, não teria coragem de expô-la. Só possui a verdade aquele que possui a similitude daquele que consegue alcançar o ser. No quadro de sua reflexão sobre Deus, Agostinho reflete sobre a relação entre os seres e o próprio

ser. Não cabe a nenhum homem a tarefa de analisar o ser de Deus, até porque ele também será submetido a uma avaliação daquele que, de direito, analisa tudo, já que todos nós teremos que comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo (AGOSTINHO, A verdadeira religião, V, 58).

Não existe uma só criatura que seja pura por natureza. Todas, no entanto, são compostas de vestígios de Deus, nunca podendo, de forma alguma, a sua assemelha com Deus. Assim, as características presentes nas criaturas detêm algo da veracidade do criador, ainda que apenas como uma comparação. As características do criador presentes em suas criaturas elevam-nas, mas ainda assim mantêm a sua distância: “Todas as coisas são verdadeiras enquanto existem, e não há falsidades senão se quando pensamos existir o que não existe” (AGOSTINHO, A verdadeira religião, V, 45).

Agostinho explica, de forma clara, que é totalmente possível que através da razão se chegue ao entendimento da natureza que vem de Deus, que age com toda e sua súplica para que possamos concluir nossa jornada. A realidade invisível de Deus, sua eternidade e sua divindade tornaram-se inteligíveis desde a criação do mundo, através das criaturas. Nos escritos de Agostinho, a verdade sempre teve um lugar de destaque, construindo um argumento que nos possibilita chegar perto do que é a verdade, já que a verdade pura e completamente verdadeira talvez seja de difícil – ou impossível – conhecimento pelas vias da razão unicamente. Justamente por isso é necessário unir razão e fé. O homem carrega em sua natureza uma base questionadora que comanda sua capacidade de discernimento e seus desejos. É necessário que compreendamos esses princípios, essas razões eternas não pertencem a nós: “Pelo fato de sermos mutáveis, limitados pela vida e pela morte, sobretudo impotentes dessas verdades que nos dominam (AGOSTINHO, A verdadeira religião, notas completares, 73).

Quando Agostinho fala de como procede um homem de bom coração, que segue todos os preceitos de Deus, dá-se a impressão de que está falando de si próprio, já que ele carrega no seu ser todas essas características. Ele que sempre demonstrou uma predisposição para acolher a todos, independente da religião, (acolhia sistemáticos, hereges e pagãos), sente uma profunda misericórdia por todos aqueles que sofrem e buscam alívio de suas dores. Tinha o desejo de ter o poder de dar consolo a cada um de modo especial. Não trazia consigo a indiferença que era própria daqueles que tinham o pensamento, daqueles que traziam consigo a

indiferença diante dos problemas alheios. Seguiu o exemplo de Santo Ambrósio e se desfazia até dos vasos sagrados da Igreja quando via alguém em uma situação de carência de alguém.

Agostinho era aquele que conduzia os homens de todo o mundo que assim desejasse ser por ele conduzido. Fez de sua missão de bispo de forma mais perfeita: “Procuro menos dominar que servir”. Os que eram mais próximos de Agostinho podiam desfrutar da amizade e carinho que se tornou alívio em seus momentos de dificuldades (AGOSTINHO, A verdadeira religião, notas completares, 91).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo Agostinho alguém que mais teve seu pensamento elevado no início dos séculos sobre os quais se erguera o Cristianismo, na antiguidade, foi visto como aquele do que possuía atribuições de poder e competência no desenvolvimento do pensar medieval, além da Filosofia e Teologia do Ocidente. Um dos principais pensamentos desenvolvidos por Agostinho debruça-se sobre a relação entre a fé e a razão, e como era possível a união entre essas duas realidades.

A conexão entre fé e razão para mim sempre foi algo inviável, assim como tentar misturar água e óleo: ou você tinha razão ou você possuía a fé que já era o suficiente. Até que assistindo as aulas de Patrística e conhecendo o pensamento de Agostinho sobre esse tema, meu raciocínio, conduzido pela iluminação divina, chegou ao descortinar da magnitude de que tanto era possível, como necessário, construir e manter esse vínculo sobre essas duas ações: fé e razão. Elas me conduziram não só a descobrir essa possibilidade e necessidade de um caminho conjunto, como me levaram a enxergar que, para se chegar mais próxima da verdade que é Deus, é preciso que haja esse exercício de percepção, de que para crer e amar se faz necessário conhecer o ser em quem depositamos nossa fé e nossa confiança. Cheguei, então, à conclusão que em muitos anos de caminhada de igreja pouco realmente compreendia sobre o que era fé, verdade, entre outras coisas e foi a vida acadêmica que mais me proporcionou saberes e valores importantes.

Entendi que, na verdade, somos cegos de nascença em relação à luz divina que nos rodeia, e só começamos a enxergá-la com nitidez quando estamos dispostos a nos empenhar para que, de fato, possamos compreender verdadeiramente as coisas de Deus, seus sonhos e projetos que tem por nós. Mas para isso é preciso que façamos o bom uso do nosso livre-arbítrio. Termino com a seguinte mensagem: “A fé é uma preparação para o entendimento daquilo em que se acredita. Ela purifica a mente. De si mesmo, o ato de fé, consistindo na submissão à autoridade da palavra divina, é já remédio contra o orgulho e dispõe a vontade a não perturbar a inteligência na procura da verdade” (FREITAS, 1999, p. 251).

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Aurélio. **A verdadeira religião**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarantes. São Paulo: Paulus, 1984.
- BATISTA, Cicero Pereira. Santo Agostinho e Cristianismo: da razão ou da fé a razão. **De magistério de filosofia**, ano XIV, n. 29, [20—].
- BERGOLIO, Jorge Mario. **Fe e razão**. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Saraiva, 2013.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes; REGO, Martinson Castelo Branco do. O estatuto epistemológico da verdade em Santo Agostinho. **Revista de teologia e ciência da religião**, n. 5, dez, 2006a. p. 241-267.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. A influência do neoplatonismo na conversão Santo Agostinho. **Sofia: Revista Semestral de Filosofia**, v.11, n. 15-16, Vitória, 2006b. p. 215-238.
- CUNHA, Mariana Paolozzi Sérvulo da. Santo Agostinho: Fé e Razão na busca da verdade. **Perspectiva Teológica**, ano 44, n. 124, p. 415-427, set./dez., 2012.
- CREMONA, Carlos Agostinho de Hipona. **A Razão e a fé**. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1990.
- DICIONARIO DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL. Tradução de Joao Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREITAS, Manoel da Costa. **Fé e razão no pensamento de Santo Agostinho**. 1999. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18322/1/V0290102-249-255.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- GILSON, Etienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.
- INSUNZA, Santiago. **Um enamorado da vida**. Tradução de José Esteban Santos González. São Paulo: Loyola, 1995.
- JOAO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Fides et Ratio** – sobre as relações entre a fé e a razão. Cidade do Vaticano, 1998.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Do problema do mal à alegria de ser como dom: um comentário ao De libero arbítrio, de Agostinho. **Brasiliensis**, v. 7, p. 49-92, 2018.

MATTOS, Jose Roberto de Abreu de. Fe, razão e conhecimento em Santo Agostinho. **Reveleiteo**: revista eletrônica espaço teológico, v. 12, n. 21. Disponível em: <<http://revista.puesp.br/index.php/reveleiteo>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

PHILOTHEUS, Boehner; GILSON, Etienne. **História da filosofia crista desde as origens até Nicolau de Cusa**. São Paulo: Editora Vozes, 1991.

REALE, Giovanne; ANTISSERI, Dario. **História da filosofia: Patrística e Escolástica**. São Paulo, Paulus, 2003.

SILVA, Aline de Fatima Sales. Idade Média por uma fé racionalizada: uma leitura em Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. **Revista do Curso de Pedagogia do Campus Jatai UFG**, v.7, n. 2, jun-dez, Jataí, 2009. p. 1-9.

SESE, Bernard. **Agostinho, o convertido**. Tradução de Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUTO PINTO, Ana Kelly Ferreira; MARTINS FILHO, José Reinaldo F. A ideia do mal no Comentário ao Gênesis de Santo Agostinho. **Reflexus**: Revista Semestral de Teologia e Ciências da Religião, v. XVI, p. 15-34, 2022.